

A produção de conhecimento em Sistemas agrícolas tradicionais.

Palavras-Chave: Sistema Agrícola Tradicional, agricultura indígena, agricultura quilombola.

Autores(as):

Gabriel de Araujo Silva, IFCH-UNICAMP

Prof^(a). Dr^(a).Joana Cabral de Oliveira (orientadora), IFCH-UNICAMP

Resumo Expandido:

Os Sistemas Agrícolas Tradicionais (SATs) tem sido uma conceituação usada em políticas públicas nas últimas décadas, a partir do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) tem sido articulados os SATs em um processo de patrimonialização. O primeiro marco neste sentido foi a patrimonialização dos SATs dos povos indígenas do Rio Negro (AM) em 2010, e posteriormente, os SATs dos povos quilombolas do Vale do Ribeira (SP), em 2018. Estes processos tem tido como documentos centrais os dossiês, primeiro o Dossiê de registro do sistema agrícola tradicional do Rio Negro (Emperaire *et al.*, 2010.), seguido do Dossiê do Sistema Agrícola Tradicional Quilombola do Vale do Ribeira – volume 1 (Andrade e Kishimoto, 2017) e volume 2 (Adams et al. 2017). Esses dossiês, junto com a obra Sistemas Agrícolas Tradicionais no Brasil (Edit e Udry, 2019) publicação da Embrapa onde são documentados os quinze SATs que foram premiados pelo prêmio BNDS SAT, serão a bibliografia primária desta pesquisa.

Os SATs são definidos como um conjunto estruturado formado por elementos interdependentes, tais como técnicas de produção agrícola e pecuária, caça, pesca, forrageio, manejos florestais, saberes, manifestações culturais e trocas econômicas. Deste modo, as obras supracitadas trazem pesquisas em diferentes disciplinas tratando de temas como a diversidade da vegetação e da fauna, a fertilidade dos solos, a saúde nutricional das comunidades, o processamento de produtos, a história das transformações na paisagem, a preservação ambiental, as cosmologias, a organização reivindicativa das comunidades tradicionais por reconhecimento, a agrobiodiversidade e a produtividade agrícola.

Também tratam de uma grande variedade cultural: somente as comunidades reconhecidas como SATs do Rio Negro incluem mais de 22 povos indígenas de três famílias linguísticas (Tukano Oriental, Aruak e Maku) e distribuídos em um território que abrange os municípios de Barcelos, Santa Isabel do Rio Negro e São Gabriel da Cachoeira, no noroeste do estado do Amazonas, e se estende até a fronteira do Brasil com a Colômbia e a Venezuela. Os SATs quilombolas reconhecidos no Vale do Ribeira estão situado na região sudeste do estado de São

Paulo e leste do estado do Paraná, abrangendo 19 comunidades remanescentes de quilombos situadas em seis municípios do Vale do Ribeira, alguns com Unidades de Conservação de Mata Atlântica sobrepostas a territórios quilombolas. A amplitude cultural, paisagística e geográfica destes SATs se relaciona com uma diversidade de técnicas de manejo florestal, forrageio, caça, pesca e extrativismo, com complexas interações ecossistêmicas, o cultivo da mandioca e a prática da coivara são elementos que são levantados na tentativa de dar uma unidade a complexidade desses conjuntos.

Os SATs são entendidos não como um repositório de conhecimentos antigos repassados por gerações desde ancestrais que teriam deixado um legado estático ou fixo, pelo contrário, são um modo específico de produção de novos conhecimentos e inovação, envolvendo a observação multi espécies no complexo ambiente florestal, a experimentação dinâmica, com o desenvolvimento ativo de novos saberes e técnicas. Essa concepção das SATs como espaços de produção de conhecimentos é um avanço pro campo da pesquisa intercultural, fortalecendo a agenda de diálogos entre sistemas de conhecimento tradicionais e ciências acadêmicas. Também sustenta como premissa o fortalecimento da salvaguarda dos SATs, mantendo possível as suas condições de funcionamento no presente e para o futuro (Edit e Udry, 2019, p.26).

As discussões dos SATs como valor patrimonial tem origem nas discussões do campo da conservação ambiental, surgidas em um contexto de ascendente emergência climática global. Buscando lidar com a demanda por políticas que em relação aos crescentes desastres naturais e problemas que se expandem em escala global, como a extinção da biodiversidade, o desmatamento, a destruição do ciclo hidrológico acarretando na generalização de enchentes e a perda das fontes de água, insegurança alimentar, perda de solos férteis e desertificação (Marques, 2015).

Os SATs como os do Rio Negro (AM) e do Vale do Ribeira (SP), podem ser comparados dentro do quadro do que Mazoyer e Roudart (2010) chamam de sistemas agrícolas florestais que, em diferentes partes do mundo, seriam anteriores aos sistemas de campo aberto ou pós-florestais, como as monoculturas modernas. Miller e Nair (2006) nomeiam como agroflorestas as práticas agrícolas milenares dos povos amazônicos, ambas as obras apontam como o estudo de tais práticas hoje se relacionam ao desenvolvimento de novas técnicas que buscam dar respostas a problemas ambientais, sociais e produtivos.

Malcom Ferdinand chega a afirmar que os quilombolas foram os primeiros ecologistas modernos nas sociedades coloniais, fazendo uma correlação entre a existência de quilombos nos diferentes países do continente americano e a preservação florestal, sendo a existência de florestas frequentemente condição de estabelecimento do quilombo e a criação de um modo de vida que convivesse com a manutenção da preservação florestal correlacionada a sua sobrevivência no tempo (Ferdinand, 2020, 175). Como ferramenta de análise da especificidade do modo de relacionamento dos povos indígenas e quilombolas com os ecossistemas, irei utilizar conceitos como o de biointeração e confluência de Bispo dos Santos (2015, 2023). Para analisar os denominados povos tradicionais, conceito que inclui indígenas e quilombolas entre outras formações identitárias, utilizarei a ecologia decolonial de Ferdinand (2020) e a teoria contra colonial de Bispo dos Santos (2015, 2023) como ferramentas críticas que podem ajudar a entender as particularidades das condições históricas de produção de conhecimento nos SATs.

Os SATs também são fonte privilegiada para a produção de conhecimento empregados na criação de tecnologias que buscam viabilizar novas formas de produção agrícola, como a agroecologia e a agrofloresta. Em pesquisa de iniciação científica anterior denominada “Sentidos da floresta: entre as florestas antropogênicas da Indigeneidade e a agrofloresta sintrópica de Ernst Götsch.” comparei as técnicas agrícolas e de manejo florestal descritas em etnografias dos povos indígenas Wajãpi, Kaapor e Kayapo com as técnicas agroflorestais em crescente expansão no Brasil contemporâneo, contrastando a teoria antropológica das florestas antropogênicas (Balée, 2020), com as concepções indígenas nativas sobre o sujeito da gênese florestal, com as concepções e técnicas da agricultura sintrópica de Ernst Götsch que é utilizada na implementação de Sistemas Agroflorestais (SAF) em expansão no Brasil contemporâneo.

Irei continuar nesta nova pesquisa comparando a obra de Götsch, Schulz e Becker (1994) que afirma a inspiração das técnicas agroflorestais nos sistemas agrícolas tradicionais, assim como os principais manuais das técnicas agroflorestais disseminadas a partir de Götsch, como a de Neto, Messerschmitt, Steenbock e Monnerat (2016) e a de Rabello e Sakamoto (2022) com as técnicas agrícolas utilizadas nos SATs do Rio Negro (AM) e quilombolas do Vale do Ribeira (SP), criando quadros comparativos entre estas SATs e as técnicas agroflorestais agroecológicas. Continuando o trabalho de contrastar as concepções científicas, cosmológicas e técnicas sobre a gênese florestal conforme iniciado em uma primeira publicação sobre o assunto em Silva (2022). Neste sentido irei adicionar na comparação com as técnicas agroflorestais além dos indígenas, a agricultura quilombola. Também buscarei identificar a importância das trocas ocorridas entre indígenas e quilombolas na formação dos seus modos de resistência, no processo de engendrar seus atuais SATs.

Este recorte nas técnicas agrícolas também contribui para suprir uma lacuna nos trabalhos de etnologia indígena que tratam das relações entre humanos e vegetais, que contém poucos trabalhos voltadas às técnicas, havendo mais obras que dialoguem com a botânica ou a arqueologia, como constata Fonseca (2023, p.15) em seu trabalho de revisão da literatura sobre tecnologia e agricultura indígena amazônica.

Também irei utilizar a abordagem de Tsing (2017) como ferramenta de análise da polifonia do ecossistema florestal e para pensar o problema da escalabilidade ou não escalabilidade agrícola relativos aos conhecimentos produtivos nos SATs, tema frequente no debate de novas tecnologias agrícolas e ambientais. Por fim, utilizarei as obras de Carneiro da Cunha (2009) e Cabral de Oliveira *et al.* (2020) como fontes teóricas para analisar o diálogo intercultural entre saberes tradicionais e as diferentes disciplinas acadêmicas, assim como a problemática dos direitos intelectuais sobre o conhecimento produzido nos SATs.

Objetivos:

O objetivo desta pesquisa é explorar as obras sobre os SATs publicadas pelo IPHAN e pela Embrapa (Andrade e Kishimoto 2017; Adams et al, 2017; Edit e Udry, 2019), procurando destrinchar como no processo de patrimonialização das SATs são conceituadas os próprios SATs e a produção de conhecimentos nestes sistemas. Com isso, buscarei identificar tanto como aparece a produção de conhecimentos pelos povos tradicionais nos SATs em si, como a interlocução das diferentes disciplinas presentes nos dossiês com essa produção de

conhecimento, investigando o diálogo interdisciplinar entre estudos de antropologia, ecologia, biologia, entre outras áreas, com os saberes tradicionais, conforme ocorrem nestes estudos.

A partir da produção desta análise sobre como é documentada a produção de conhecimento nos SATs, pretendo explorar a bibliografia secundária continuando a construir quadros comparativos entre os SATs e as técnicas agroflorestais agroecológicos, conforme iniciei na minha pesquisa de iniciação científica anterior que trata da relação entre agricultura indígena e “novas” técnicas agroflorestais. Também irei produzir recortes específicos na análise centrados em temas como a escalabilidade agrícola, o diálogo intercultural entre conhecimentos e os direitos intelectuais dos conhecimentos produzidos nas SATs.

Métodos:

Essa pesquisa será realizada através de uma revisão bibliográfica multidisciplinar. Sendo uma pesquisa exploratória, ao investigar a bibliografia especializada, enseja permitir o levantamento de hipóteses a serem investigadas em futuras pesquisas.

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Anna Maria de Castro; KISHIMOTO, Alexandre (org.). *Dossiê Sistema Agrícola Tradicional Quilombola do Vale do Ribeira*. – vol. I, São Paulo: Instituto Socioambiental, 2017.

ADAMS, Cristina. et al. *Dossiê Sistema Agrícola Tradicional Quilombola do Vale do Ribeira* – vol. II, São Paulo: Instituto Socioambiental, 2017.

BALÉE, W. *Sobre a Indigeneidade das Paisagens*. Revista de Arqueologia, 21, n.2: 09-23, 2008

BISPO DOS SANTOS, A. *Colonização, Quilombos. Modos e Significados*. Brasília: Editora da Unb. 2015.

BISPO DOS SANTOS, A. *A terra dá, a terra quer*. Ubu editora. São Paulo, 2023

CARNEIRO DA CUNHA, M. 2009. *Cultura com aspas: e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify.

EDIT, J. S. & UDRY, C. *Sistemas agrícolas tradicionais no Brasil*. Brasília: Embrapa. 2019.

Emperaire, L. A. et al. *Dossiê de registro do sistema agrícola tradicional do Rio Negro*. Brasília: ACIMRN/Iphan/IRD/Unicamp-CNPq. 2010.

FONSECA, Larissa Mattos da. *Fogo e Movimento: uma abordagem tecnológica sobre a agricultura indígena na Amazônia*. Dissertação de mestrado. Brasília, 2023.

GÖTSCH, E.; SCHULZ, B.; BECKER B; *Indigenous knowledge in a 'modern' sustainable agroforestry system: a case study from eastern Brazil* in *Agroforestry Systems* 25: 59--69, KluwerAcademic Publishers. Printed in the Netherlands. 1994.

MAZOYER, Marcel; ROUDART, Laurence. *História das agriculturas no mundo: Do neolítico à crise contemporânea*. Editora Unesp, 2010.

MARQUES, Luiz. *Capitalismo e colapso ambiental*. Editora da Unicamp. Campinas, 2015

MILLER, R. P.; NAIR, P. K. R. *Indigenous Agroforestry Systems in Amazonia: From Prehistory to Today*. *Agroforestry Systems*, 66(2), 151–164. 2006

NETO, E.C.N; MESSERSCHMIDT, N.M.; STEENBOCK, W.; MONNERAT, P. F. *Agroflorestando o mundo de facção a trator: gerando práxis agroflorestal em rede (que já une mais de mil famílias camponesas e assentadas)*. Cooperafloresta. Barra do Turvo, 2016

OLIVEIRA, Joana Cabral de. et al. (orgs.). *Vozes vegetais: diversidade, resistências e histórias da floresta*. 2020

RABELLO, José Fernando dos Santos; SAKAMOTO, Daniela Ghiringhello. *Agricultura sintrópica segundo Ernst Götsch*. Góias, Aguará Edições. 2022.

SILVA, Gabriel de Araujo. *Cultivar floresta: entre as florestas antropogênicas da indigeneidade e o impulso da agricultura agroflorestal*. Revista Climacom, n17. 2022. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/cultivar-floresta-entre-as-florestas-antropogenicas-da-indigeneidade-e-o-impulso-da-agricultura-agroflorestal-gabriel-de-araujo-silva/> Acesso em 02/05/2024

TSING, A. *Viver nas ruínas: paisagens multiespécie no antropoceno*. IEB, Mil Folhas, Brasília. 2017.